

A fricção como potência: encruzilhadas cartográficas e epistemologias mestiças

João Marcos Vieira Moreira*

Resumo

Este ensaio propõe a promoção reflexiva acerca da constituição do ser, das identidades e da pedagogia a partir da metáfora da encruzilhada, articulando saberes da filosofia da imanência e da diferença, das epistemologias decoloniais e dos saberes afro-diaspóricos. Coloca-se em questionamento a linearidade identitária e ontológica do ser, destacando-o como processo contínuo de transfiguração. Invoca-se a figura de Exu não como entidade religiosa, mas como operador epistêmico e símbolo do inacabado, promulgando a mestiçagem de saberes como força política e ética-estética. Explora-se o corpo-rito, a rasura e a desobediência epistêmica como contraposições à rigidez cartesiana e à racionalidade colonial, propondo uma pedagogia que valorize o trânsito, a ginga e a abertura ao sensível. Para isso, intenta-se, a partir de Deleuze, Guattari, Foucault, Mignolo, Quijano e Rufino, evidenciar a possibilidade da mestiçagem epistêmica e ontológica. A encruzilhada é vista como instância imediatamente fundamental à desterritorialização e espaço fecundo de produção de sentido, resistência e reinvenção. Trata-se, portanto, de uma tentativa de provocação epistemológica e pedagógica que reivindica a pluralidade, a fricção e o inacabado como fundamentos de uma práxis insurgente.

Palavras-chave: encruzilhadas; decolonialidade; epistemologias mestiças.

Friction as Power: cartographic crossroads and mestizo epistemologies

Abstract

This essay proposes a reflective engagement with the constitution of being, identities, and pedagogy through the metaphor of the crossroads, articulating knowledge from the philosophy of immanence and difference, decolonial epistemologies, and Afro-diasporic knowledges. The linear identity and ontology of being are called into question, emphasizing it as a continuous process of transfiguration. The figure of Exu is invoked not as a religious entity, but as an epistemic operator and symbol of the unfinished, promoting the hybridization of knowledge as a political and ethical-aesthetic force. The notions of body-ritual, erasure, and epistemic disobedience are explored as counterpoints to Cartesian rigidity and colonial rationality, proposing a pedagogy that values movement, *ginga*, and openness to the sensible. Drawing from Deleuze, Guattari, Foucault, Mignolo, Quijano, and Rufino, the work seeks to demonstrate the possibility of epistemic and ontological hybridization. The crossroads is conceived as an immediately fundamental instance of deterritorialization and as a fertile space for the production of meaning, resistance, and reinvention. Thus, this is an attempt at an epistemological and pedagogical provocation that claims plurality, friction, and the unfinished as the foundations of an insurgent praxis.

Keywords: crossroads; decolonial epistemologies; hybrid epistemologies.

La fricción como potencia: encrucijadas cartográficas y saberes mestizos

Resumen

Este ensayo propone una reflexión sobre la constitución del ser, las identidades y la pedagogía a partir de la metáfora de la encrucijada, articulando saberes de la filosofía de la inmanencia y la diferencia, las epistemologías decoloniales y los saberes afrodiaspóricos. Se cuestiona la linealidad identitaria y ontológica del ser, destacándolo

* Mestre em Educação e doutorando pelo programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTRM), sendo bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Professor de Matemática do Colégio Gabarito de Uberaba/MG. Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Cultura (GEPEDUC) – UFTM/CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8173-832X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7649783909580638>. E-mail: joaomarcosvieiramoreira@gmail.com.

como un proceso continuo de transfiguración. Se invoca la figura de Exu no como entidad religiosa, sino como operador epistémico y símbolo de lo inacabado, promoviendo la mestización de saberes como una fuerza política y ético-estética. Se exploran el cuerpo-rito, la rasura y la desobediencia epistémica como contrapuntos a la rigidez cartesiana y a la racionalidad colonial, proponiendo una pedagogía que valore el tránsito, la *ginga* y la apertura a lo sensible. A partir de Deleuze, Guattari, Foucault, Mignolo, Quijano y Rufino, se busca evidenciar la posibilidad de una mestización epistémica y ontológica. La encrucijada se concibe como una instancia inmediatamente fundamental para la desterritorialización y como espacio fértil de producción de sentido, resistencia y reinención. Se trata, por lo tanto, de un intento de provocación epistemológica y pedagógica que reivindica la pluralidad, la fricción y lo inacabado como fundamentos de una praxis insurgente.

Palabras clave: encrucijada; epistemologías decoloniales; epistemologías híbridas.

INTRODUÇÃO

Vagar nem sempre significa perder-se. Afinal, em meio à pesquisa, somos subjugados à potência dos encontros, ao risco das travessias e ao chamado das encruzilhadas que, inesperadamente, se apresentam no processual fluxo da vida. É em meio à deriva e sob um deslumbrante horizonte epistêmico que este artigo encontra sua gênese: ensaiar uma articulação entre a pedagogia da encruzilhada e a cartografia deleuziana.

Denota-se, de modo demasiado prematuro, que ambas as perspectivas são práticas ético-estéticas que tensionam as clássicas noções de sujeito, território e conhecimento, rendendo-se à processualidade, à multiplicidade e ao inacabamento. Para tanto, é imperioso destacar que a perspectiva cartográfica, proposta por Deleuze e Guattari, rompe com a lógica representacional e fixa dos mapas tradicionais, colocando-o como dispositivo de rastreamento de processos, dotado de linhas de forças e fugas que não de inscrever *devenires*. Corroborando o exposto, intui-se que a representação de um mapa é

[...] aberta, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como uma obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (Deleuze e Guattari, 1997, p. 22).

Em perspectiva cartográfica, a constituição e o mapeamento de um território são processos imbricados no reconhecimento da dimensionalidade e expressividade de forças que permeiam e delineiam a vida. É vero que, à cartografia, só “há território a partir do momento em que há expressividade de ritmo” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 121).

Entretanto, torna-se inconcebível à cartografia assumir um enraizamento humano a partir da territorialização. Tal corolário falseia-se pelo próprio âmago cartográfico, já que o

mesmo — em *Mil Platôs* — trata a territorialização como produto de uma desterritorialização e reterritorialização, enunciando um ciclo virtuoso, ínsito à vida e aos devires humanos.

Nesse contínuo e processual ciclo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização, a metáfora das variedades atencionais, proposta por Virginia Kastrup (2007), emerge como recurso elucidativo para o pesquisador cartógrafo quanto à percepção deleuziana. Para a autora, faz-se necessário que o cartógrafo detenha a capacidade de rastreamento, como gesto de se lançar ao devir; o toque, como momento de inflexão afetiva, e o pouso como inscrição provisória nos novos territórios. Dessa forma, a cartografia não se coloca como uma episteme contemplativa, mas, verdadeiramente, como algo a ser vivenciado e experienciado. Cada território é, portanto, uma passagem para outros devires.

Por sua vez, a pedagogia da encruzilhada se fundamenta nas cosmovisões de matrizes africanas, compreendendo a encruzilhada não como marco de indecisão, mas sim como um campo de forças e de possibilidades, reconhecendo a constituição de potências e trânsitos, performatividades abertas ao risco e ao afeto. Ante ao que se pormenorizou, percebe-se a possibilidade de reconhecimento da encruzilhada como o efêmero momento que conduz à desterritorialização.

A cultura afro-brasileira funda-se no princípio da relacionalidade, entendendo o mundo como um sistema contínuo de trocas, permutas e atravessamentos. A encruzilhada, nesse sentido, se constitui menos como ponto de decisão racional e mais como um espaço-tempo direcionado à incorporação, onde forças heterogêneas se conectam, se tensionam e se transformam.

Essa comunhão arraiga-se de modo a ter a encruzilhada como figura simbólica e epistemológica que ilumina a prática cartográfica, bem como a cartografia se vincula como método de potencialização da pedagogia da encruzilhada. Não obstante, é imprescindível destacar que este artigo não intenta impor uma equivalência conceitual entre a pedagogia da encruzilhada e a cartografia deleuziana, visto que isso seria contraproducente àquilo que se faz fundamental: explorar os atravessamentos possíveis entre ambas, reconhecendo-as como práticas que afirmam o movimento, a abertura e a potência.

O que se segue é, portanto, uma aposta: de que, ao habitar a encruzilhada como espaço simbólico, político e epistemológico, e ao operar a cartografia como método sensível de pesquisa e intervenção, podemos forjar dispositivos ético-estéticos capazes de tensionar os

modelos normativos de produção de conhecimento e subjetividade. Esta é, pois, uma travessia que não se encerra, mas que se inscreve no fluxo inacabado da vida, do pensamento e da prática pedagógica — sempre entre, sempre em devir.

Figura 1 – A Encruzilhada como arte expressionista¹



Fonte: Elaborado pelo autor – Imagem gerada por inteligência artificial (ChatGPT, OpenAI, 2025).

A arte como gatilho reflexivo-subjetivo nos é muito profícua: afinal, não porta razão unívoca do sensível a ponto de atribuir — ignorantemente — qualidades binárias de certo ou errado à interpretação. A partir dessa premissa, antes de continuar à imersão discursiva deste ensaio, questiona-se, em uma tentativa simbólica e auspiciosa, quais signos lhe emergiram a partir dessa encruzilhada?

AS EPISTEMES IMANENTES NA ENCRUZILHADA

Nota-se, de imediato, que a cartografia pode ser mobilizada, não enquanto um modelo teórico antecedente ou de qualidade superior à estrutura da encruzilhada, mas como dispositivo sensível para o acompanhamento dos fluxos, tensões e devires. A cartografia, entendida como método de rastreamento, inscrição e acompanhamento de processos, partilha com a encruzilhada essa valorização da processualidade e do movimento, das aberturas e multiplicidades.

¹ Com escopo acadêmico, vê-se sentido em compartilhar o *prompt* utilizado para gerar a imagem:

“Crie uma pintura a óleo sobre tela no estilo pós-impressionista, retratando uma encruzilhada vívida em uma paisagem rural, sob um céu dramático com nuvens espiraladas em tons de azul e amarelo. Os caminhos têm coloração terrosa, alaranjada-avermelhada, formando um X, cercados por vegetação selvagem e um horizonte distante. As pinceladas são expressivas, espessas e texturizadas, evocando emoção e movimento.”

É forçoso ressaltar que, mesmo ao aplicar *ipsis litteris* o *prompt* supracitado, não há garantias de que se gerará o mesmo resultado.

Nessa perspectiva, mais que uma técnica, a cartografia se torna um modo ético-estético de se implicar e relacionar com o território, de seguir seus fluxos e de se deixar afetar por suas forças; portanto, ela se encontra profundamente afinada àquilo que a encruzilhada propõe, que é a questão relacional e processual. Essa aproximação não visa a subsumir a pedagogia da encruzilhada ao aparato cartográfico ou vice-versa: ela busca, em vez disso, o reconhecimento de uma prática e cosmologia afro-diaspórica que se imbui de signos e fundamentos, tão refinados e tão científicos quanto àquilo que emerge da filosofia ocidental.

A possibilidade de comunhão entre a pedagogia da encruzilhada e a prática cartográfica emerge do compartilhar ontológico acerca da imanência. A recusa de um plano transcendente e de fixidades, que ordena ou dá sentido à experiência, é algo que se percebe quando, na encruzilhada, o sentido se produz na travessia, no encontro, nos atravessamentos. Não se comunga com destinos dados, mas sim com os processos e forças que permeiam a realidade, que ferem o platonismo e a inocência. Cria-se, portanto, um espaço vital, onde não há essência nem destino pré-determinado, mas movimento e transformação.

A tara por uma composição binária, que ordena toda e qualquer forma de existência, não dá conta da problemática dos seres paridos no entre. A dupla consciência, a existência pendular, a condição vacilante do ser é, a princípio, o efeito daquilo que se expressa a partir do fenômeno do cruzo. Assim, ato a provocação: aquilo que a agenda colonial buscou produzir como um sistema de controle da vida, a partir de uma ordem pautada nos binarismos, acarretando a redução das complexidades, imprevisibilidades e impossibilidades, é fragilmente salientado por uma leitura a partir da gramática poética das encruzilhadas (Rufino, 2017, p. 40).

A encruzilhada sempre foi, em si mesma, um espaço de percursos, marcas e invenções. Reitera-se, por fim, que a comunhão entre a encruzilhada e a cartografia não é meramente conceitual, mas profundamente ontológica e ética. Talvez, de modo tardio neste ensaio, importa discorrer acerca das epistemes imanentes para criar dissonância com aquilo que a corrente colonial sempre fez: impôs o poder de forma produtiva.

Contudo, é preciso sublinhar: a encruzilhada não precisa de Deleuze para se afirmar, pois, como ontologia afro-diaspórica, ela já constitui, há séculos, uma filosofia de mundo relacional e processual. Ao contrário das epistemes coloniais, que impõem uma verdade universal, a pedagogia da encruzilhada afirma a pluriversalidade dos saberes; como argumenta Mignolo em *The Darker Side of Western Modernity* (2011), não existe uma única modernidade,

mas sim múltiplas modernidades que se cruzam, colidem, negociam e resistem. Esse cruzo é o que a encruzilhada sempre acolheu: a coexistência tensa e criativa das diferenças.

Dessa forma, afirma-se que a pedagogia da encruzilhada não se efetiva apenas no plano conceitual, mas sobretudo no corpo, visto que “é no corpo que se inscrevem os caminhos percorridos, os trânsitos vividos e as marcas deixadas pelas travessias” (Rufino, 2017, p. 92). A corporeidade é, assim, cartografia viva, é a inscrição sensível das forças e fluxos que atravessam os sujeitos. Recorrendo às alegorias, é seguro afirmar que o cartógrafo na encruzilhada registra seus mapas e fronteiras na própria carne.

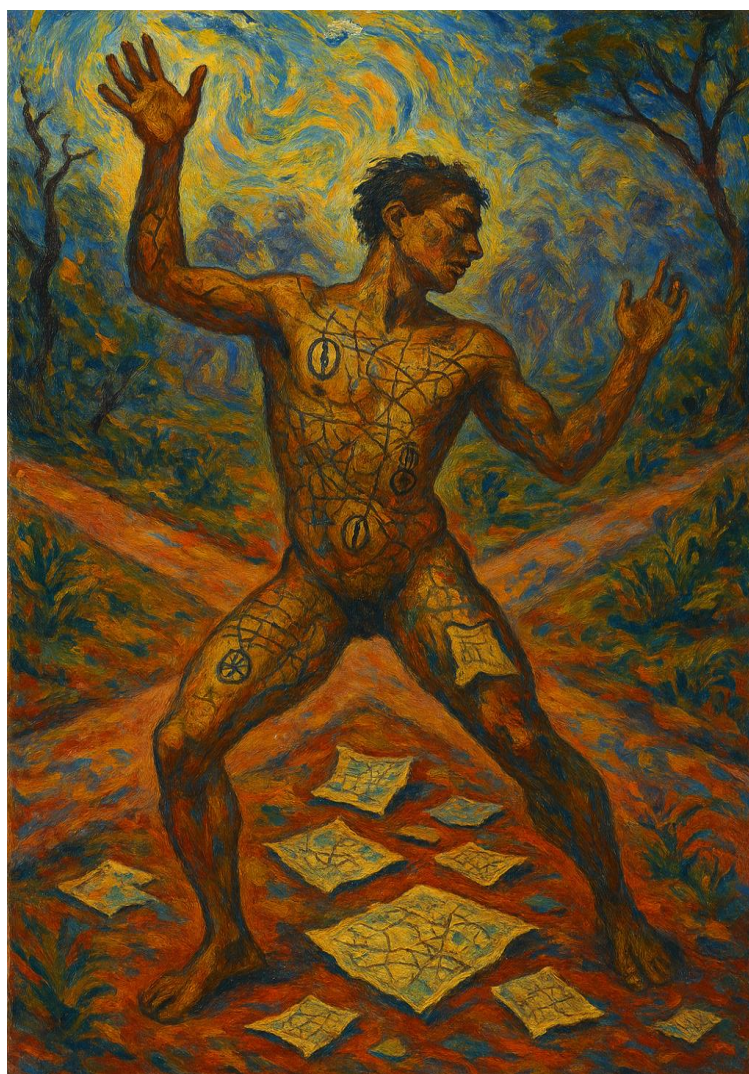
Diferentemente das práticas de representação ocidentais, que tendem a abstratizar o sujeito, colocá-lo despido daquilo que lhe define como único, a pedagogia da encruzilhada reconhece a dimensão corporal como espaço-tempo de saber. Nesse sentido, vê-se lógica em viabilizar o debate daquilo que Deleuze e Guattari chamam de “corpo sem órgãos”: um corpo que não é funcional nem estruturado, mas um campo de forças, um plano de consistência.

Verifica-se, dessa forma, que o corpo da encruzilhada é, por excelência, um corpo sem órgãos, algo não funcional ou hierarquizado, mas aberto às intensidades e devires. É um corpo que se deixa atravessar pelas potências que ali se cruzam — forças espirituais, políticas, ancestrais — e, nesse atravessamento, se faz e se reinventa, inscrevendo-se como mapa vivo, conforme descrito por Rufino (2017).

Em paralelo, Kastrup (2007) não exterioriza a cartografia da corporeidade, mas a performance de um corpo-cartógrafo, visto que é o cartógrafo que desterritorializa, pousa e toca. Não se dissociam corpo e mapa, visto que ambos constituem um corpo cartográfico, traçado e atravessado por seus rituais, memórias, cicatrizes e belezas. A cada gesto, a cada canto, uma linha de fuga se desenha e rasga a carne.

Novamente, recorrendo à magnificência artística como manifestação de expressividade e, almejando viabilizar a pluralidade e a potência interpretativa que lhe é ínsita, propõe-se a elaboração de um *prompt* sugestivo, capaz de captar a essência do que é um corpo-cartógrafo em meio à encruzilhada. Com esse intento, o conteúdo deste ensaio foi submetido à apreciação do ChatGPT para que ele pudesse captar a essência conceitual elaborada sobre o corpo-cartógrafo e, a partir disso, fosse capaz de elaborar um *prompt* sugestivo capaz de inspirar uma representação visual dessa experiência. O resultado encontra-se exposto pela Figura 2².

² O resultado do pedido mencionado gerou o *prompt* subsequente:

Figura 2 - O corpo-cartógrafo

Fonte: Elaborado pelo autor – Imagem gerada por inteligência artificial (ChatGPT, OpenAI, 2025).

É notório que o uso da inteligência artificial neste ensaio não se constitui como um gesto de substituição da potência humana para a representação artística e criativa, muito menos em terceirizar a interpretação de sentidos; entretanto, compreende-se a mesma como apta a fazer uma busca e representação de sentido no teor substancial da linguagem deste texto, que,

“Em uma tela de grandes dimensões, sob pinceladas densas e texturizadas típicas do pós-impressionismo, emerge um corpo andrógino em posição de movimento ritual, dançando no centro de uma encruzilhada em forma de X, que se estende como caminhos terrosos em tons de vermelho queimado, ocre e laranjas vivos. Os braços estão erguidos em direção a um céu espiralado em amarelos e azuis, evocando Van Gogh, mas com mais violência rítmica e mais carne exposta ao tempo. O corpo — um corpo-sem-órgãos, como diria Deleuze e Guattari — é fragmentado por traços que lembram cicatrizes, inscrições, mapas feitos de suor, sangue e tinta, como se cada linha fosse uma travessia vivida. Da pele brotam símbolos afro-diaspóricos: grafismos iorubás, vibrando entre os músculos e atravessando o peito, como cicatrizes vivas. Ao fundo, espíritos-sombras translúcidos dançam com o corpo-cartógrafo, em gestos de ginga, cântico e resistência, insinuando as forças que o atravessam — Exu, o inacabado, é apenas sugerido por uma silhueta inquieta entre as sombras. Árvores retorcidas e vegetação selvagem delimitam o cenário, mas não contêm o corpo: ele ultrapassa, vaza e rasura a moldura do espaço.”

aos olhos do autor, se faz válida como expressão e há, certamente, de provocar outras sensações. Por fim, cabe, contudo, uma última ponderação que é preciosa: sem pudor, reconheço que eu, o autor, não seria capaz de elaborar tal representação, não por ausência de desejo, mas por limites dos quais tenho consciência.

Em consonância com aquilo foi postulado por Deleuze e Guattari (1997), o corpo na encruzilhada é anti-organismo: não obedece à estrutura imposta, mas se entrega ao movimento, às danças e aos cânticos, desorganiza a lógica colonial do corpo como máquina funcional, firmando-se em outra perspectiva pedagógica: a das vivências.

Porém, mais uma vez, e quiçá de modo exaustivo, reitera-se que a encruzilhada antecede e excede a filosofia ocidental: as práticas de corpo que se efetivam nos rituais afro-brasileiros — nas danças, nas giras, nas oferendas — são já modos de cartografar territórios afetivos, espirituais e políticos. Em verdade, este ensaio preserva o que há de mais precioso na escrita cartográfica: a desterritorialização! Ademais, também se ressalta o esforço empreendido na preservação e em evidenciar as encruzilhadas no processo conceutivo deste texto.

Reconhece-se, verdadeiramente, como anseio deste ensaio, o deslocamento epistemológico, ímpar e desnudo de modelos hegemônicos e coloniais de produção do conhecimento que permeiam a realidade. Há de se reconhecer a potência oriunda de matrizes afro-diaspóricas, bem como versar e dialogar com os saberes oriundos de filosofias disruptivas às percepções transcendentais e castrativas.

A transformação do ser como corolário às desterritorializações e às encruzilhadas

Por um devaneio reflexivo, quebra-se a noção discursiva deste texto para emergir uma reflexão fundamental proveniente do Paradoxo do Navio de Teseu, visto que sua enunciação há de nos servir como estopim reflexivo. A fábula conta que, em meio a uma viagem de 50 anos, Teseu viu-se obrigado a, gradativamente, substituir cada peça de seu barco conforme se desgastavam. Até que, ao término de sua jornada, todas as peças foram trocadas. Com esse objetivo, pode-se dizer que o navio que finalizou a viagem é o mesmo que a iniciou? Ou é outro? Em menção àquela proposta por Hobbes, se um segundo barco for montado com as peças descartadas, qual dos dois é o navio de Teseu?

Como refinamento reflexivo àquilo que este ensaio se propõe, questiona-se: caso definamos o momento de nascença de um ser como ponto A e, em meio à continuidade vetorial

do tempo, indicarmos um ponto B, distinto do anterior, o indivíduo que habita B é o mesmo que outrora habitou A?

Talvez a resposta mais preguiçosa à pergunta supracitada seja que sim, é o mesmo ser; entretanto, há de se convir que este já não tem mais o mesmo corpo e a mesma composição. As encruzilhadas, os ritos, os signos e todo o seu arcabouço foram modificados e quiçá rasurados pela inexorável força vetorial do tempo. Ora, portanto, como pode ser o mesmo ser se algo já não é mais o mesmo?

O humano não é uma estrutura estática e, por conseguinte, torna-se possível responder que o ser que se produz em B não é mero prolongamento linear daquele que nasceu em A. Não há continuidade hegemônica na constituição identitária do ser, mas transgressões e transfigurações, já que, em meio às encruzilhadas e às desterritorializações, as linhas fronteiriças da concepção ontológica do ser se transmutam. Os devires, os cortes, as cicatrizes e as reinvenções não podem ser ignorados.

O Paradoxo do Navio de Teseu se constitui, neste ensaio, como uma inflexão política: a completa repulsa à manutenção identitária como estrutura. O corpo — seja ele qual for — se atravessa pela história, deixa rastros pela sociedade e resiste. O que se tem é a possibilidade de reinvenção, de se reterritorializar de modo insurgente, pelas epistemes que se encarnam e (re)existem nas encruzilhadas. Em coro àquilo demonstrado pelas matrizes afro-diaspóricas, é premente citar que

Exu versa sobre os princípios da mobilidade, da transformação, das imprevisibilidades, trocas, linguagens, comunicações e toda forma de ato criativo. Nas máximas que trançam as esteiras dos saberes de terreiro, entre inúmeras formas, ele é reivindicado como o dínamo do universo, o linguista e tradutor do sistema mundo. Para muitos, é o signo que representa o inacabamento. Esse caráter é parte de seus atributos e lhe confere a condição de senhor de todas as possibilidades (Rufino, 2018, p. 74).

Em um movimento contrário às exigências de um sujeito contínuo, unívoco, coerente consigo mesmo, as cosmovisões da encruzilhada — como nos lembra Luiz Rufino — reconhecem a potência da contradição, do atravessamento, da vacilação. Trata-se, portanto, de uma pedagogia que acolhe o sujeito como devir ritualizado, como algo que se faz e se desfaz, constantemente.

O urgir discursivo obriga a um breve adendo em meio a este ensaio: Exu não se cruza neste texto como uma marca religiosa, tampouco como um ornamento exótico, mas como

potência, afinal, de nada valeria este texto se ele não estivesse aberto. Inicia-se aqui um raríssimo momento de egoísmo dissertativo, pois há de emergir a primeira pessoa do singular neste ponto: esse trabalho poderia ir diretamente para o lixo se eu, enquanto católico que sou, não estivesse disposto a ser atravessado; seria eu um hipócrita a findar um artigo sobre a pedagogia da encruzilhada sem ao menos citar Exu.

A motilidade identitária e a transformação ontológica do ser são ínsitas à fábrica da existência; entretanto, não podem ser concebidas como protocolo, mas como acontecimentos políticos e ético-estéticos, inscritos no corpo. Em meio ao mistifório epistemológico que este ensaio se tornou, pode-se afirmar o reconhecimento de um corpo-rito, um conceito mestiço de um corpo sem órgãos insurgente, que não se organiza por função, mas por afecção, imprestável à lógica do progresso ou da produtividade, mas coerente com a lógica do encantamento, do sensível, da travessia. Observa-se que

[...] o território corporal é o primeiro lugar de ataque do colonialismo. São muitas as formas de violência praticadas por aqui. Os alvos estão sempre inscritos nos limites do corpo. Desde a morte física até a simbólica, incutida pelo desvio existencial, o corpo é o elemento a ser alvejado (Rufino, 2016, p. 71).

Com efeito, o corpo-rito é um conceito de primor, uma vez que o rito é a cartografia invisível: não se fundamenta com tecnicismo ou instrumentalismo, mas sim com os gestos, os afetos, as cantigas, as danças e com o corpo. Assim, o corpo-rito não é algo que deva ser compreendido como uma representação, mas como o reverberar de sentidos e entoações que buscam conexões. De fato, o corpo não é uma ferramenta que carrega o rito. Ele é o próprio território onde o rito se inscreve, por fim, “um saber que não se encarna, que não vira corpo, não faz nenhum sentido para determinadas formas de existir e de se pensar no mundo” (Rufino, 2021, p. 29).

DESCOLONIZAR OS MAPAS: PEDAGOGIAS CONTRA O PLANO FIXO

A colonialidade, tal qual abordada — para não a dizer denunciada — por Quijano (2005) e Mignolo (2017), trama uma episteme cartográfica universalizante: o mapa se despe integralmente daquilo que Deleuze e Guattari propõem, visto que trata o mapa como grade, como racionalização do espaço e controle territorial. Em alusão àquilo mencionado por

Foucault, o poder não é repreensivo, ele é produtivo. Dessa forma, Mignolo, em consonância com Quijano, sugere uma

[...] desobediência epistêmica. Sem tomar essa medida e iniciar esse movimento, não será possível o desencadeamento epistêmico e, portanto, permaneceremos no domínio da oposição interna aos conceitos modernos e eurocentrados, enraizados nas categorias de conceitos gregos e latinos e nas experiências e subjetividades formadas dessas bases, tanto teológicas quanto seculares (Mignolo, 2008, p. 288).

Talvez, este ensaio se prove uma desobediência epistêmica aos próprios fundamentos da pesquisa decolonial, bem como aos próprios referenciais que ornaram este trabalho, visto que dialoga com Rufino, Mignolo e Quijano e com Foucault, Deleuze e Guattari. Efetivamente, o que se observa é belo, nada mais, nada menos do que a mais pura encruzilhada epistêmica!

Diante disso, não é produtor ceder à pureza epistêmica e, com temor, faz-se impositivo dissertar acerca de uma armadilha fundamental: reconstruir o mesmo purismo epistemológico que se combate. A encruzilhada é impura por excelência, é a mistura, o trânsito, simplesmente, uma zona de fricção e inflexão. Novamente, impelido pela responsabilidade acadêmica, é preciso isentar este ensaio de uma tentativa de fundir tudo num sincretismo diluidor, mas sim de ornar com a mestiçagem epistemológica.

Nesta zona de tensionamento, reafirmo o egoísmo acadêmico mais uma vez e recrio o precedente outrora já apresentado: usar-me-ei da primeira pessoa do singular. Pondero que não estou, de forma alguma, minando ou silenciando as válidas máquinas de guerra³ que se apresentam nas áreas de tensão. É claro que a vertente radical do pensamento decolonial se torna essencial, mas não suficiente.

Não seremos capazes de ultrapassar os limites do Marxismo, os limites do Freudismo e Lacanismo, os limites do Foucauldianismo; ou os limites da Escola de Frankfurt, incluindo um pensador fundamentado na história dos judeus e da língua alemã tão esplêndido quanto Walter Benjamin (Mignolo, 2008, p. 288).

³ A noção de “máquinas de guerra”, apresentada por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* (1995) é fundamental para compreender a conceitualização proposta, visto que os autores caracterizam as máquinas de guerra como o coligar dos agenciamentos de forças nômades que tensionam e resistem às formas de captura da máquina dominante. De fato, neste texto, tal organização vocabular é utilizada como metáfora às vias de produção teóricas e práticas que se estabelecem em um confronto direto, com menos diplomacia ou mediação estratégica, mas como embate direto e incisivo com o escopo de violar o discurso dominante e colonial, como uma força contundente direta.

É necessário astúcia para desarmar, rasurar e transgredir. Pela primeira vez, não sinto que estou a me esconder atrás de referenciais; não estou colocando outro, senão eu, como centro desta violência epistêmica traduzida em texto. Não pleiteio uma síntese, tampouco uma reconciliação, assumo a zona de fricção, a encruzilhada; se há contradição, se há conflitos e diferenças, que sejam produtores, que os cânticos, os ritmos e a ginga alcancem o mais sublime dos espaços que tanto foram negados, que essa mestiçagem rompa com a mordada que sempre tentou nos calar.

Retomando um diálogo com os referenciais supracitados, torna-se fundamentalmente primoroso isentar o corpo teórico deste ensaio de uma categorização como máquina de guerra sem a astúcia diplomática, visto que tais referenciais não se enquadram como tal: ora, o próprio Mignolo não propõe a exclusão do pensamento ocidental, mas sim uma desterritorialização do mesmo enquanto território da cartografia universal.

Creio que ficará claro para leitores razoáveis que afirmar a co-existência do conceito descolonial não será tomado como “deslegitimar as idéias críticas européias ou as idéias pós-coloniais fundamentadas em Lacan, Foucault e Derrida” (Mignolo, 2008, p. 288).

É, precisamente, neste ponto que se deve reconhecer a responsabilidade cartográfica e a de qualquer outra episteme. É que se deve desconfiar das pesquisas que redesenham e reafirmam as linhas fronteiriças não como um delinear de limites passíveis de abertura, mas como vigilância. Mignolo adverte acerca das linhas fronteiriças não como demarcação geográfica, mas como zonas de tensão epistemológicas, o *lócus* do conflito em que o discurso dominante tenta se preservar, travestido de universalidade.

Com vistas a isso, a pedagogia da encruzilhada, tal qual a cartografia e outras vertentes epistêmico-metodológicas, não pode se apresentar de modo conivente com a (re)afirmação desse silenciamento, mas deve violá-lo, transgredi-lo e profaná-lo, cantando sobre essa divisa de manutenção do discurso e do pensamento. A linha fronteira só é verdadeiramente potente enquanto lugar de cruzo, de passagem e de trânsito indomado, não como contenção ou cerco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ONDE O CANTO ENCONTRA O MAPA

A astúcia diplomática citada no *corpus* deste trabalho se constitui não como uma acomodação ou o embutir de referenciais ocidentais para atribuir validade ao discurso, mas sim

como o viés estratégico de se permear e ocupar os espaços intelectuais formais que outrora foram negados ao pensamento decolonial e às demais vias de ruptura com a dominância. É pela mera forma acadêmica ou de manifestação que muitas fraturas foram insinuadas; entretanto, não será por tal superficialidade que há de se tentar desarmar o discurso, mas sim pelo seu conteúdo e potência de ruptura. A encruzilhada, nesse sentido, exige tanto o confronto quanto o disfarce, tanto o rito quanto o jogo, tanto o ritmo quanto a ginga.

A rasura não pode ser compreendida como uma forma vil de perversão textual. Ela é a cadência rítmica da expressividade, quase que como uma figura de linguagem que viabiliza o imbuir das encruzilhadas. Paradoxalmente, são a rasura e, ao mesmo tempo, a estrutura que inviabilizam a colonialidade de subsumir o pensamento díspar àquilo que se fundamenta como estrutura. Essa ginga é o que há de mais precioso, o que fez sobreviver o que tentaram sucumbir.

Como se sobrevive preservando referências e negociando posições em meio a relações solapadas pelas violências, irregularidades e desproporções que colocam grande parte dos saberes subalternos como alvos de extermínio? Arrisco dizer que isso só é possível incorporando as astúcias da ginga. Há de se jogar o jogo, afinal, o cotidiano colonial é um verdadeiro campo de batalhas e mandingas. Daí a necessidade dos rolês epistemológicos, operação essa diretamente articulada à noção de cruzo e que vem a invocar e amarrar o verso de uma terceira ação, a que conceituo como ebó epistemológico (Rufino, 2018, p. 79).

Dessarte, o que se observa neste ensaio é, portanto, uma ginga do encontro na encruzilhada entre entes, epistemologias e diversos territórios, tantos são, que se tornaria exaustivo listá-los. Se o mundo é múltiplo, a forma não pode ser universal, seja pela filosofia da imanência, pela filosofia da diferença, pelos ritos, pelas percepções exusíacas, a academia não é, e não pode ser, palco de manutenção do poder, mas espaço criativo, corpo. Sendo assim, a escrita que se presta à encruzilhada precisa tropeçar nas próprias margens para manter-se aberta à potência da própria incompletude.

Além de uma academia, a pedagogia também há de se valer das qualidades listadas no decurso desta escrita. É interessante estimular a concepção de uma pedagogia aberta, difusa e provocativa. Ensinar não é guiar por um caminho, mas entregar mapas em branco, tambores, bússolas descalibradas e um abrigo para quando vier a noite. Reitero a evocação inicial deste trabalho: vagar-se não é se perder.

Àqueles que se sentirem respondidos de alguma forma por esse texto, sugere-se uma segunda leitura, pois, decerto, não há uma resposta. Há, isso sim, uma tentativa — não

mais verdadeira que as demais — de tornar esse ensaio uma pergunta com pernas, que se lança no mundo e, tal qual Exu, peregrina sem saber ao certo para onde vai, mas que se compromete integralmente com a travessia. Anseia-se que esse manifesto não seja encarnado como mero sincretismo ou um emaranhado teórico mixado, mas, em suma, um catalisador antissilenciamento que entoe valor ao risco em detrimento da covardia de se silenciar. Se há algo a temer, não é o excesso de mistura, mas o medo da potencialidade da mestiçagem.

Não é irrisório o esforço em se definir o que um ensaio acadêmico é, mas certamente, é mais fácil fugir de enquadramentos. Pode-se elucidar o que o trabalho, definitivamente, não é: não é qualquer ebó ou epistemologia mestiça que faz sentido. É necessário encontrar territórios interseccionais entre os espaços teóricos propostos. É necessário situar-se em encruzilhadas que permitam o encontro e o afastamento. A poética contaminação é a cartografia de um corpo que sangra e se reinventa, que dança e escorrega, que reza e escreve. Um corpo que, ao se encontrar diante da folha em branco, escolhe não desenhar fronteiras epistêmicas, mas entoar encruzilhadas. Foge-se do conforto da síntese e do coligar de ideias, mas vibra-se com a vitalidade da tensão.

Não se trata também, evidentemente, de reeditar a mestiçagem como um apagamento ou tentativa de neutralização da diferença, mas sim como um movimento político, ético-estético, impuro, indisciplinado e transgressor. Não se trata de apaziguamento, mas sim de fricção.

O maior empobrecimento seria almejar que Deleuze justificasse Exu, ou que Exu explicasse Deleuze. Em verdade, trata-se de dançar, mesmo que em compassos e rítmicas distintas. É provável que sequer se escutem, pode ser que nem ao menos se compreendam, mas, ainda assim, em uma métrica rara, há a ínfima possibilidade de que vibrem em harmonia na batida da filosofia do movimento, do corte e da imanência. Estúpida é a hierarquização dos saberes, feliz a desordem e o cultivo do inacabado, a reverência ao saber que não se categoriza, mas se inscreve na pele, na gíria e no desejo. Talvez, nesse mistifório pluriversal, a desobediência epistêmica seja sentida, pois se percebe

[...] a razão por que a cosmologia ocidental é “uni-versal” (em suas diferenças) e imperial enquanto o pensamento e as epistemologias descoloniais tiveram que ser pluri-versais: aquilo que as línguas e as cosmologias não ocidentais tinham em comum é terem sido forçadas a lidar com a cosmologia ocidental (mais uma vez, grego, latim e línguas européias imperiais modernas e sua epistemologia) (Mignolo, 2008, p. 316).

Quiçá seja um delírio infantil, e que todo o trabalho até aqui se esvaia de sentido e significado, rotulado como o manifesto de uma criança encantada que aprendera a juntar palavras, mas nenhuma cartografia se encontra completa, tal qual nenhuma encruzilhada se fecha e nenhum texto está puro. A fricção deve ser fértil, e, por mais que se escreva neste ensaio, não se busca, a partir dele, um novo método, uma nova episteme, uma nova noção ontológica do ser, mas sim uma abertura, uma fenda, um canto, uma possibilidade de rasura. Não há pedagogia neutra e não existe pesquisador neutro. A aposta com esta exposição dissertativa reside em um espaço de dança, de cânticos, de ritos e de erros: simplesmente, a possibilidade de rir no meio de um temporal. As encruzilhadas e a mestiçagem não são ameaças, mas potências.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2020. 302 p.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicologia & sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 15–22, 2007.
- MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 94, p. 1–18, 2017. Acesso em: 28 mai. 2025.
- MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 287–324, 2008. Disponível em: <https://www.proceedings.scielo.br/pdf/cluff/n34/a15.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2025.
- MIGNOLO, Walter D. **The darker side of Western modernity: global futures, decolonial options**. Durham: Duke University Press, 2011.
- OPENAI. **ChatGPT (versão GPT-4.5)**. 2025. Disponível em: <https://chat.openai.com>. Acesso em: 7 jun. 2025.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117–142.
- RUFINO, Luiz. Epistemologia na encruzilhada: política do conhecimento por Exu. **Abatirá – Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, Eunápolis, v. 2, n. 4, p. 19–30, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/13339>. Acesso em: 29 mai. 2025.
- RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**. 2017. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:

<http://www.bdttd.uerj.br/handle/1/10434>. Acesso em: 30 mai. 2025.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. **Periferia**, Duque de Caxias, v. 10, n. 1, p. 71–88, 2018.

RUFINO, Luiz. Performances afro-diaspóricas e decolonialidade: o saber corporal a partir de Exu e suas encruzilhadas. **Revista Antropolítica**, n. 40, p. 54–80, 1º sem. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/antropolitica2016.1i40.a41797>. Acesso em: 1 jun. de 2025.

Recebido em: *Junho/2025*.

Aprovado em: *Novembro/2025*.